

As Vivências de um Ensino Formador dentro de uma Concepção Multicultural

The Experience of a Trainer Education in a Multicultural Conception

Hector Barros Gomes¹

Maria Estela Maciel Freitas²

Viviane Melo de Mendonça³

¹Universidade Federal de São Carlos campus
Sorocaba/*hector.barros@msn.com*

²Universidade Federal de São Carlos campus
Sorocaba/*mestela.maciel@hotmail.com*

³Universidade Federal de São Carlos campus
Sorocaba/*viviane@ufscar.br*

Resumo

As novas relações de proximidade entre diversos grupos sociais e culturais, culminada com a globalização, traz para a sociedade uma nova significação de indivíduos, baseada na composição multicultural, onde a escola se encontra como reflexo dessas vivências sociais. Diante dessa premissa, esse ensaio tem como objetivo o relato de uma vivência proporcionada pelo PIBID, focada na construção de práticas de ensino socioculturais. Realizada durante a execução do PIBID / UFScar – *campus* Sorocaba, subárea Ciências Biológicas, por meio de uma pesquisa participativa, dentro desse ideário, o projeto aqui relatado, foca a construção da “Sala da Diversidade” realizada em uma das escolas colaborativas do projeto. Desenvolvida num trabalho coletivo, agregando conhecimento sobre a multiculturalidade, as atividades permitiram uma troca de aprendizado entre licenciandos bolsistas e estudantes da escola pública, compondo como resultado de um esforço mútuo à valorização à diversidade, e uma maior compreensão das diferenças que denotam o espaço escolar.

Palavras-chave: multiculturalidade; diversidade; PIBID.

Abstract

The new close relationships between various social and cultural groups, culminating with globalization brings a new meaning to a society of individuals, based on its multicultural composition, where the school is a reflection of these social experiences. Given this premise, this papers aims to report an experience provided by PIBID, focused on building socio-cultural teaching practices. Performed during the execution of PIBID / UFSCar – *campus* Sorocaba, subarea Sciences, through a participatory research within this ideology, the project reported here focuses on the construction of the “Room of Diversity” held in a collaborative

project of one school. Developed a collective work, adding knowledge about multiculturalism, the activities allowed an exchange of learning among undergraduates and scholars of public school students, composing as a result of a mutual effort to value diversity, and a greater understanding of differences that indicate how is the school environment.

Key words: multiculturalism; diversity; PIBID.

Introdução

A cultura, em sua concepção, pode ser entendida etimologicamente de distintas maneiras, as quais se reformulam histórico-socialmente, conduzindo a uma não-equivalência de seu entendimento e construção de seu ideário (ou seja, ponto de vista) nas diversidades linguísticas. Supõe-se que tal fato esteja justificado a partir da própria diferenciação cultural dos meios sociais, onde sua prática é moldada por preceitos e noções subjacentes a toda edificação específica de uma comunidade.

Assim, para o autor Laraia (2008), o termo ‘cultura’ exprime a interferência direta no modo como o ser humano vislumbra o mundo em que vive e, por isso, abrange diversas concepções. Contudo, é de consenso em várias das posições existentes que, como afirmado por Cuche (2002), o homem denota-se como um ser essencialmente de cultura, que demarca tanto uma dimensão de âmbito individual como coletivo de uma sociedade.

Perante a essa afirmação, deve-se entender que a constituição de uma civilização é o chegar dos valores culturais e sociais pertencentes ao homem e que são compartilhados por uma sociedade, permeando toda conduta, ética e moral da mesma. Todavia somente sua existência não basta, ela deve ser afirmada pelos povos e reconhecida como um ente de valor constituinte de uma identidade perante a uma concretização do coletivo como uma sociedade.

Nestes termos, cabe indicar que dentro dessas percepções, essa visão de cultura corrobora com a ideia de Certeau (2005), o qual afirma que a mesma não se dá apenas a partir das práticas sociais, mas também do significado a que a ela é atribuído.

Contudo, é sabido que a verdade não condiz com uma singela e verdadeira imaculação das culturas ao longo do tempo, e novos referenciais sobre sua percepção, magnitude e importância começam a se consolidar a partir do século XIX, em meio ao desenvolvimento e maior contato de relações culturais distintas propagadas principalmente a partir da globalização.

Devido às novas dinâmicas sociais criadas na aproximação de diferentes maneiras de viver e ser, é que se tornou necessária uma reconstrução dos direitos do indivíduo como referencial de paradigma ético e direito da moral orientado a uma ordem internacional contemporânea (FORQUIN, 2000).

Momento este em que se promulga a Declaração Universal dos Direitos Humanos, instituída em 1948 sob guarda das Nações Unidas, a qual em suas implicações designa concessões e proclama ideais a serem exercidos e concretizados pelos Estados frente a nova ordem de reconhecimento dos indivíduos. Neste sentido, assegura-se entre as medidas, os direitos de todas as pessoas, sem qualquer distinção, seja de sexo, língua, religião, etc, à capacidade de gozo à sua liberdade (artigo II; ONU, 1948).

Deste modo, além dos processos de reconfiguração do homem frente ao mundo, ocorre a previsão de outras garantias, de valores éticos, que também consolidam os direitos do indivíduo e a manutenção comum ao que é considerado como cidadão, definida por meio de uma interacionalização que vem objetivada na condição do sujeito em exercer sua função

social dentro de seus princípios individuais e perante a sua colocação cultural (CAMARGO e NETO, 2007).

É dentro deste mecanismo, expandido no chamado mundo moderno, que se concebe a percepção do que se denomina multiculturalismo, onde a diversidade e a diferença como pontos de valorização e debates, numa sociedade afirmada por identidades plurais, em base de diversas línguas, crenças, gêneros, etc (CANEN e OLIVEIRA, 2002).

Em contrapartida, conforme mencionam Camargo & Neto (2007), o processo de universalização de tais direitos constituintes na declaração é vítima de controvérsias, ao considerar uma percepção visionária unívoca e, portanto, etnocentrista que não sustenta a valorização plural de crenças, prevalecendo uma caracterização homogênea que leva a uma marginalização da diversidade cultural.

Cada vez mais evidentes, as premissas consignadas pela globalização inicia um processo que pode ser caracterizado como paradoxal sendo que, segundo Abros & Filho (2010), ao mesmo tempo em que promove uma intensa uniformização cultural que leva a uma massificação de modelos culturais, este processo de unificação mundial cria uma tendência contra a homogeneização, promovida por uma maior interculturalidade que cria movimentos destinados a manutenção e valorização da diversidade cultural.

A interculturalidade se resigna no termo multiculturalismo, que segundo Forquin (2000), prediz a existência de grupos de origem étnica ou geográfica diversa e que não compartilham nem os mesmos modos de vida nem os mesmos valores, ou seja, uma coexistência e influência mútua da diversidade cultural no mundo. Dessa forma, seriam a partir de políticas de reconhecimento e direitos a estas diferenças que agora se tornam concretizados os processos que culminam numa socialização (ARBOS e FILHO, 2010).

Essa aproximação cultural questiona a hierarquização do ser humano que é imposta pelas classes dominantes, as quais preveem um controle social através de políticas que priorizam determinadas frações da sociedade e, que deste modo, exclui aqueles que são instituídos numa minoria ou, nas chamadas subculturas; desse modo, incluem-se grupos como, indígenas, homossexuais, negros, etc. Nesse sentido vale dizer que os encontros culturais também ocorrem em grupos pertencentes a uma mesma sociedade e que a hierarquização social também reflete uma hierarquia de culturas (CUCHE, 2002).

Dentro do sistema educativo, as problemáticas vivenciadas no seu cotidiano se tornam reflexos desse paradigma que circunda o indivíduo na atual sociedade. E, assim, como demarca Forquin (2000), a questão da multiculturalidade exige dos meios educacionais dois desafios: o primeiro remete-se a esfera de repensar os conteúdos curriculares, pois é no elementar da educação que se exercita a participação social e se faz conhecer o papel de cidadão e de valorização do outro em compreensão com seus próprios valores e crenças. Já o segundo desafio, situa-se na fronteira de formação profissional da carreira docente, frente às diversas precariedades que atribulam sua prática dentro das instituições de ensino.

Interna a primeira temática, nas implementações curriculares, tem-se como formas de medidas, políticas institucionais que surgem como mecanismo de dar fulcro a uma nova consolidação educacional. É deste modo que se coloca presente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, validada em 1996, a qual estabelece que é através do ensino que se faz o exercício para cidadania, ou seja, é o meio pelo qual também se fundamentam princípios de uma civilização.

Contudo, a lei peca ao enfatizar uma formação básica comum de diretrizes norteadoras das práticas curriculares de ensino, já que do mesmo modo, esta lei propõe entre

competências no discurso a pluralidade cultural. Nesta última consideração, a LDB destaca entre atributos dos objetivos da educação básica:

“Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (Lei Nº 9.394, 1996)”.

Forquin(2000), aponta que os currículos de ensino, apesar de terem um direcionamento plural, assim como a LDB, ainda se ausentam em caráter multicultural, o qual seria priorizado no momento em que as escolhas pedagógicas, políticas e éticas, assim, como dos conteúdos e organização de ensino tivessem como referência a diversidade dos educandos envolvidos. Desta maneira, romper-se-ia com o etnocentrismo que vem sendo amplamente instituído nos sistemas educacionais.

Para Krawczyk (2006), o referido sistema de ensino não apenas instaura uma estratégia homogeneizante em um meio heterogêneo, mas acaba consolidando também diferenciações para diferentes contextos sociais.

Assim sendo, Forquin (2000) ressalta que falta ao sistema educativo entender a escolha e a justificativa dos conteúdos que este enfatiza, aspectos estes que determinam a percepção da escola pelas vertentes “contextuais” da cultura, ou seja, de que o ensino está destinado a um público, em uma localidade e em certo tempo-histórico, o qual apresenta suas concepções, fundamentos e paradigmas intrínsecos.

Entretanto, ao caracterizar uma educação dita intercultural, é necessário que o ensino entenda antes de tudo os indivíduos a partir de distintas formas culturais, como seres humanos genéricos capazes de criar e transformar. Assim, a educação discutirá os direitos e os valores, como determinantes históricos, entendendo sua origem, seu significado atual e universal (BENEVIDES, 1996).

Nesta concepção, o ensino visa abrir a percepção no educando para além de sua realidade, o qual deve contribuir para um movimento de empatia, consolidando não só uma diferenciação, mas uma identificação com o outro, suas causas e como o mundo é vislumbrado.

Como abordado por Laraia (2008): "*A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade*". Portanto, coloca-se como desafio um diálogo que confronte e aproxime pontos de percepções a cerca da constituição dos saberes e da valorização multiculturalista atual (MOREIRA, 2002), num momento em que a sociedade neoliberal se encontra marcada por uma concepção excludora, ou seja, de negação a grupos minoritários, individualista e competitiva, a qual se opõe as perseveranças de apoio às diversificações culturais existentes.

Segundo Frigerio e Paim (2004) é na diversidade cultural que a escola pode atingir um meio para a transformação e de aprendizagem significativa, mas que exige mudanças de seu planejamento, organização e execução curricular. Tais práticas, que também trazem ao educador outra postura frente ao ensino, devem ser promotoras de tolerância e livre expressão cultural, como forma de retirar o processo histórico de eliminação do outro, questionando as concepções e os discursos que tem se perpetuado (NOGUEIRA, 2008).

A nova percepção do educador pode ser revista desde seu processo de formação, a qual se deve ao seu potencial motivador de transformações social, muitas vezes velado por razões de desvalorização, destituindo sua importância como mediador constituinte na

formação de um cidadão, o qual se relaciona com uma falta de pertence dos educadores a uma classe, as más condições de jornada de trabalho e salário, ausência de um plano de carreira e, também, a uma individualização crescente da prática, não focada no coletivo e no cooperativismo (PEREIRA, 1999).

Nessa perspectiva, incentivos políticos e institucionais também têm sido realizados num esforço para dar recuperação a voz e ao papel social dos educadores, os quais focam-se desde a formação inicial dos mesmos nos cursos de graduação.

Um exemplo dessa preocupação é o PIBID, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID edital CAPES/PIBID, 2007), instituído pela a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) como uma possibilidade para realização projetos com objetivo de integração dos licenciandos ao ambiente escolar concreto articulando, desta forma, a elaboração de projetos socioculturais.

A UFSCar buscando inovar os currículos dos cursos de formação de professores aderiu ao PIBID como o projeto intitulado “Espaço de formação compartilhada entre professores da Educação Básica e licenciandos” (UFSCar, 2008). Sendo que o projeto PIBID/UFSCar previa subprojetos, onde a UFSCar- *campus* Sorocaba, subárea Ciências Biológicas, desenvolveu ações de articulação entre universidade e escolas públicas, destinada a promover uma integração na formação docente nas licenciaturas e a prática no ensino básico vivenciada nas escolas.

Com essa premissa, a ação proposta pelo projeto, desenvolvido durante os anos de 2009/2010, obteve um diferencial para a formação do profissional da área de educação, ao promover atividades de prática socioculturais de forma conjunta com os educadores de escolas públicas estaduais de Sorocaba e seus estudantes.

O PIBID dentro do projeto proposto pela UFSCar *campus* Sorocaba, subárea de Ciências Biológicas, se desenvolveu previamente a partir de uma seleção das escolas participantes, onde foram utilizados como parâmetros o baixo índice apresentado no Saresp 2007 e o interesse da escola em participar do programa. Assim, se determinou a participação de três escolas colaboradoras contando com um total de treze licenciandos-bolsistas, cinco professores-orientadores duas pedagogas e três professores supervisores, divididos entre as três escola colaborativa.

Levando em consideração todos os apontamentos feitos até este momento, o presente trabalho pauta-se na construção da " Sala da Diversidade", uma atividade desenvolvida durante a execução do projeto PIBID em uma das escolas, resultando do trabalho conjunto entre a Oficina " Muvuca da Copa", desenvolvida pelos bolsistas e o projeto "Copa do Mundo" que a escola estava trabalhando no momento, promovendo o entendimento da valorização e o respeito às diversidades regionais, sexuais, culturais e raciais, através da criação de grupos de discussões, com dinâmicas e reflexões, a partir da realidade da instituição escolar.

As atividades realizadas durante o ano de 2010 buscavam trazer, além de um estímulo de reflexão e busca pela empatia, ou seja, da identificação do outro como um individuo igual de pensamentos e emoções como forma de superação de qualquer tipo e forma de preconceitos, enfatizando de maneira ampla a visão de diversidade.

Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo relatar uma experiência de ensino proporcionada pelo PIBID, que foca na construção de dinâmicas priorizando a construção sociocultural dos estudantes, contribuindo tanto para a formação sócio crítica dos licenciandos bolsistas quanto para os estudantes da escola pública.

Metodologia

Desenvolvido numa escola situada na região sudoeste de Sorocaba, localizada em uma área periférica, o procedimento metodológico escolhido para a intervenção baseou-se na perspectiva da pesquisa-participativa (CHIZZOTTI, 1991), onde a imersão no universo de estudo propicia uma melhor compreensão dos fatos e possibilita a síntese de medidas mais eficientes para resolução de problemáticas, por se pautar num estudo de realidade na qual os pesquisadores se situam no espectro estudado, e a coleta de dados é feita em uma perspectiva muito mais próxima dos agentes pesquisados, propiciando uma coleta de dados próxima.

As primeiras ações desenvolvidas no espaço escolar foram divididas na seguinte ordem: No primeiro momento, desenvolvido num período de seis meses, partiu-se de um reconhecimento da realidade escolar numa forma não invasiva, contando com a participação de um professor supervisor, também vinculado ao projeto, o qual possibilitava o caminho para uma interação direta no contato com a escola. Deste modo, se propôs como medida inicial o reconhecimento do espaço escolar, realizada a partir da descrição da estrutura física, organizacional e humana da Escola, analisando diversos aspectos anotados devidamente num formulário pré-elaborado coletivamente pelos participantes.

Como instrumento de registro pessoal elaborou-se um diário de campo, na forma de *portfólio*, por entender que esse tipo de registro é o mais adequado para essa parte inicial de coleta de dados, que se compõe de informações advindas da observação e de conversas interpessoais.

A partir dessas caracterizações discutidas em Grupos de Trabalho, constituído pelo professor supervisor da escola, os bolsistas e o orientador da universidade, foram se disseminando algumas demandas apresentadas tanto pelos educandos como pelos professores do ambiente escolar. Assim, entre os pontos percebidos deste momento, se encontram questões como, o fato de a escola, situada numa região de periferia enxergava uma defasagem em conseguir constituir um diálogo com a realidade diversificada dos educandos, partindo de dois pontos principais que se conjugam: os problemas sociais de caráter local e a composição diversa de gêneros, etnias e crenças dos estudantes que compõe o ambiente de ensino.

Foi nesta perspectiva que a atividade através da oficina "Muvuca da Copa" resultou na construção da "Sala da Diversidade", desenvolvida dentro do ambiente escolar, sendo consolidada através de uma união de materiais produzidos pelos estudantes da escola por meio de dinâmicas envolvidas nesta oficina estruturada em vários momentos, organizados em horários extraclasse pelos licenciandos participantes do projeto PIBID, contando com o apoio dos agentes escolares. Os estudantes foram convidados pelos licenciandos do PIBID a participar da oficina através de cartazes e avisos nas salas de aula nos três turnos.

Organizada em quatro dinâmicas (Multiolhares, O Estranho, Construindo o Brasil, Viagem pelos Países), a oficina foi construída com vista a trazer para os estudantes discussões sobre a complexidade e a composição multicultural em diferentes escalas - desde local até global, para aproximar da realidade dos mesmos a percepção sobre os diferentes modos de ser e viver, repensando a diversidade nos seus múltiplos significados.

Resultados e Discussão

As atividades visavam complementar a necessidade de se discutir a diversidade dentro do ambiente escolar, claramente evidenciada dentro da escola. Além disso, as oficinas somavam-se a um projeto temático desenvolvido pela escola, relacionado à Copa do Mundo, recorrente no ano de 2010, onde os estudantes buscavam estudar as diferentes culturas dos

países presentes no campeonato mundial. Este processo multi e intercultural que a Copa traz, retratou deste modo, um ambiente de compreensão a ser mais discutido em ambiente escolar.

Foi promovido um total de quatro dinâmicas (descritas abaixo), as quais foram organizadas em três turnos, com cerca de seis estudantes cada, visando compreender horários que não atrapalhassem o estudo regular dos estudantes.

- **Multiolhares:** Dinâmica destinada a criar um espaço onde os estudantes refletiram sobre a diversidade existente entre eles mesmos e na vizinhança registrada por meio de câmeras fotográficas e vídeos. O registro se baseou em diferenças físicas que cada um tem (de altura, cor de olhos, cabelo, tons de pele) e as distinções sociais no modo como o bairro e a escola se apresentam.

- **O Estranho:** Desenvolvida para criar uma reflexão dos educandos sobre as múltiplas formas de preconceitos que são gerados através das diferenças que existem dentro da sociedade. Esta dinâmica foi realizada a partir de um jogo em que cartões com estereótipos colocados em pessoas com característica distinta dentro da sociedade (de etnias, grupos e sexualidades diferentes), foram colocados nas costas de cada estudante participante, um por vez, com o desconhecimento dos mesmos sobre qual estereótipo trazia consigo. Em seguida, os estudantes realizavam descrições para definir o estereótipo do amigo, com concomitante discussão sobre os termos utilizados e a prática ou não de preconceitos ao descrever o indivíduo representado na dinâmica, levando a discussão sobre tolerância às diferenças.

- **Construindo o Brasil:** Atividade destinada a reflexão sobre as diferenças regionais existentes, partindo do contexto local do bairro, passando pela cidade, até chegar no Brasil, discutindo desde as diversas composições lingüísticas, indumentárias, gastronômicas, e até mesmo com relação à biodiversidade, para uma compreensão da diversidade e sua valorização, com questionamento de suas mudanças no processo histórico-social. Para isso, utilizaram-se revistas e jornais diversos para recorte de diferentes representações culturais para uma colagem do mapa brasileiro de acordo com tais diferenças.

- **Viagem pelos Países:** Discussão e debate realizado com o intuito de se pensar as diferenças entre os povos e os efeitos que a multiculturalidade causa para o mundo. Colocando ideias de superação de preconceitos a partir de eventos que promovem a valorização da diversidade e a união de diferentes etnias e crenças, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo.

Todavia, somente sua existência não basta, a cultura deve ser afirmada pelos povos e reconhecida como um ente de valor constituinte de uma identidade coletiva perante a sociedade.

No primeiro momento, durante a divulgação na sala de aula, os educandos não se manifestaram quanto a participação nas atividades. Porém, uma maior aproximação e incentivo dos licenciandos, participantes do projeto PIBID, com os educandos, durante o intervalo escolar, permitiu com que estes entendessem melhor a proposta da oficina, conseguindo assim, uma maior aderência de participantes a partir deste diálogo. Tal fato demonstra a importância de se vivenciar a percepção dos educandos sobre os processos de ensino em que estes farão parte, e que o contato direto com os mesmos permite a realização de trocas, que se validam como proposta para um ensino mais aberto desde sua construção inicial.

Assim, através da conversa com os estudantes, foi permitido conhecer e identificar as concepções culturais dos mesmos. Ficando explícitas durante a execução das oficinas, onde se estabeleceu que os educandos não conhecem as múltiplas formas de cultura existentes, além

de não se enxergarem como parte de uma cultura, sendo esta apenas relacionada com atributos de grupos específicos, como indígenas, africanos, etc.

Durante a primeira oficina realizada, os estudantes retiraram fotos de características físicas que os diversificam e também da estrutura da escola e do entorno, provocando assim uma discussão da relevância das diferenças que geram uma autoafirmação dos mesmos como indivíduo. Assim, os educandos destacaram diferenças de altura, olhos, boca, nariz e, conforme a mediação dos facilitadores, licenciandos de Ciências Biológicas (figura 1).



Figura 1. Quadro de imagens com fotografias representando o olhar dos estudantes sobre a diversidade na escola.

Segundo um dos estudantes, a atividade promoveu uma maior compreensão do julgamento estético e de valorização das diferenças, que de acordo com ele seria relevante preservarem: *“Eu acho que cada um tem uma coisa, uma diferença que torna cada um de um jeito especial”*. Outro estudante afirmou que dentro do multiculturalismo, seu caráter *“é bom porque daí cada um tem uma ideia, um conhecimento que a gente utiliza depois, e que ajuda a gente no dia-dia”*.

Dentro da dinâmica, surgiu como manifestação a elaboração de um quadro de registro chamado de "A Identidade da Diversidade", onde os estudantes expuseram suas digitais, as quais podem ser vistas como uma característica que também demarca o que cada um tem de único e o que todos juntos acabam por marcar o diverso.

Durante a prática da atividade intitulada de “O Estranho”, em que se visava a discussão sobre preconceitos sociais, os estudantes demonstraram de maneira geral uma receptividade as diferenças étnicas, sexuais, religiosas e linguísticas. Contudo, por poucas vezes apareceram termos que casualmente indicavam uma pré-conceitualização sobre indivíduos da sociedade e uma intolerância às diferenças que eles mesmos valorizaram na oficina anterior. Um exemplo, pode ser identificado na fala de alguns estudantes ao relatar uma pessoa do interior como *“caipira”* ou detentor de uma *“fala errada”*. Ou no caso de uma garota de programa em que surgiram relatos como *“você é uma pessoa fácil...ela faz isso porque ela gosta porque ela poderia fazer outra coisa”*. Tal afirmação demonstra um pré-julgamento cultural sobre a condição de vida de uma pessoa dentro da sociedade, e uma visão etnocentrista de valores que permeia uma concepção de interiorização de uma subcultura.

Além disso, vídeos com cenas de preconceito também foram apresentados, permitindo a concretização de uma conversa com os estudantes sobre o que é preconceito, seus diversos tipos, etc. Segundo um dos bolsistas do PIBID a atividade tornou-se válida e positiva, como designa o relato a seguir: *“Foi interessante ver que os estudantes foram bem receptivos, discutiram juntamente e elaboraram cartazes sobre preconceito, fazendo isso por mais de um*

encontro, que ficaram muito legais, demonstrando além da diversidade e, o respeito à diversidade".

Ainda dentro da oficina do período noturno ocorreu o surgimento de outros assuntos que trouxeram um debate e uma aproximação com a vivência dos estudantes, e temas como drogas foram alavancados durante a atividade, em que os mesmos fizeram um embate da personagem do jogo com o que tinham de contato em sua realidade.

Outra afirmação dada por outro estudante demonstra tal fato: *“Conheço gente da minha família que foi preso já por causa de droga... aqui na escola também tem isso..de droga”*, a afirmação indica que percepções dos estudantes à outras problemáticas existentes em seu cotidiano permitem uma maior ressignificação da prática das atividades, que trazem consigo um contexto mais amplo e que se estende para além do espaço escolar.

Nas atividades de oficina realizada com a turma do período matinal, em que se realizou a montagem do mapa brasileiro (Figura 2) e de discussão sobre a diversidade dos países, conseguiu-se explorar um maior reconhecimento das áreas culturais globais e regionais, a qual se consolidou na construção de cartazes que se somaram as outras atividades e determinaram o que seria apresentado na exposição da Sala da Diversidade (Figura 3), a qual se encontra representada a seguir, conjuntamente com a imagem do mapa desenvolvido pelos educandos na oficina:



Figura 2. Foto do mapa da diversidade realizado pelos estudantes da escola, conforme o contexto regional de cada localidade.



Figura 3. Foto retirada da Sala da Diversidade com montagens de cartazes realizadas pelos estudantes a partir das oficinas.

Na dinâmica do período noturno, foram apresentados aos estudantes vídeos da diversidade no Brasil, com música e fotografias de diversos estilos e localidades, onde os mesmos perceberam o dinamismo que demarca o território brasileiro. Contudo, durante a ocorrência das atividades os estudantes acabaram por se dispersar diversas vezes, pois a atividade estava sendo desenvolvida no horário noturno, contrário ao que eles tinham aula, e os educandos estavam mais interessados em conhecer e conversar com os outros estudantes que tinham aula naquele período regularmente.

A dispersão dos estudantes levou a não conclusão das atividades, e a elaboração dos cartazes da maioria dos participantes permaneceu não finalizada, devido a falta de cooperação no momento da aplicação da oficina e também devido à falta de tempo do cronograma escolar.

A partir dos trabalhos dos estudantes, se consolidou a construção da "Sala da Diversidade", todavia, pouco se somou dos estudantes participantes da oficina do período noturno. O espaço montado (figura 4), realizado dentro do laboratório, onde também se deu as oficinas, ficou tomado de fotos, colagens e vídeos com representações de diversas culturas, sendo o final da sala destinada ao canto do preconceito, com vídeos feitos pelos próprios estudantes participantes de outras oficinas, anteriores a este ano.



Figura 4. Estudantes conhecendo a Sala da Diversidade durante o dia de apresentação.

No dia da apresentação, o início da sala foi marcado com uma exposição do quadro "A Identidade da Diversidade", com as várias digitais dos educandos, sendo que cada um que entrasse para visitar a sala deveria deixar sua digital no mesmo, o qual foi preenchido por muitos estudantes, professores e bolsistas, ficando completamente cheio e diversificado, complementando a participação de outras pessoas às atividades já desenvolvidas.

Durante a visitação à "Sala da Diversidade", os estudantes se reconheciam em seus trabalhos e fotos, e traziam amigos para que eles vissem o resultado das atividades que participou durante as oficinas, explicando para eles as atividades realizadas, ampliando assim o conhecimento já assimilado durante as dinâmicas sobre a multiculturalidade, tornando este trabalho importante, pois os estudantes se sentiram parte de algo que tinham produzido e disseminaram as ideias abordadas durante a construção dos trabalhos expostos.

As fotos das atividades e de lugares da escola se encontravam penduradas por toda a sala, com imagens fotografadas pelos próprios estudantes durante as oficinas, mostrando a diversidade na escola e entre eles. Assim, a preparação da sala, culminada a partir da elaboração e aplicação de oficinas destinadas a discussão da diversidade ligada inicialmente ao tema "Copa do Mundo", surge como forma de contribuição para uma coletividade entre os bolsistas licenciandos e aos estudantes participantes da oficina na escola.

A partir de todo esse processo, pode-se perceber que os estudantes começaram a descobrir o espaço escolar como próprio de sua caracterização cultural, formada a partir das diferenças que cada um compõe na sociedade, além de abrir um canal de aprendizagem e trocas para os licenciandos pensarem em metodologias no ensino-aprendizagem, como modo de reconhecimento da relação entre escola-estudante.

Conclusão

A problemática do ensino perante as diversidades se concretiza na dualidade entre diversidade cultural e os progressos civilizatórios estabelecidos pelo Estado, no momento em

que o segundo implica no estabelecimento de políticas homogêneas que não ‘enxergam’ um diálogo com a dinâmica multicultural existente na sociedade.

Contudo, dentro do âmbito educacional, encontra-se a fonte para discussão aberta dos mecanismos de constituição e preservação cultural, onde cabe ao educador, dentro do processo de ensino-aprendizagem promover, por meio de estratégias coerentes com realidade dos educandos, ações que intervenham nas diversidades e estabeleçam um diálogo entre as mesmas a partir dos estudantes, garantindo um ensino que se estenda para um contexto tanto regional quanto global.

As atividades desenvolvidas no âmbito de construção da "Sala da Diversidade" proporcionaram um ambiente escolar participativo e criativo, e demonstraram que tratar o tema diversidade pode ampliar o conhecimento, bem como contribuir para a reflexão e discussão da iniciação à docência por parte dos licenciandos do projeto PIBID. Tal contribuição torna-se evidente quando ocorre uma imersão no universo da escola, com a participação total no processo, desde o estudo da realidade, a proposta de atividades, as reflexões em meio as dificuldades e acertos que se apresentaram no caminho.

Quanto as atividades realizadas com os estudantes da oficina do período noturno, as atividades permaneceram inacabadas, tal fato sugere uma desconexão do conteúdo ao que é relevante para a realidade dos educandos, pois no momento em que se estabeleceu dinâmicas sobre o Brasil e outros países, a proposta de discussão estava mais externa do que intrínseca a vivência dos mesmos, o que ocasionou a dispersão das atividades.

O educador deve ser capaz de redirecionar sua prática e remodelar seu ensino conforme a demanda dos educandos, como se torna discutível para a atenção e a observação dos estudantes sobre as drogas durante a oficina.

Ressalva-se o ensaio discutido neste trabalho como um grande aprendizado de um trabalho coletivo, significativo por se tratar de um trabalho construído a partir da visão dos próprios estudantes sobre diversidade e preconceito. Além disso, o desvio de significação para os estudantes do noturno no caso, sendo que outros assuntos chamaram-lhes mais a atenção, por estarem mais próximos ao cotidiano, tais como preconceito, drogas, sexualidade, os quais emergiram durante as oficinas.

Contudo, vale ressaltar, que as dificuldades fazem parte da prática docente que deve se reinventar a todo instante, e ser compartilhada entre os diferentes agentes envolvidos em sua prática, para que haja uma ação mais colaborativa e superação desses problemas, na busca por uma aprendizagem coletiva, que envolva professores, estudantes e gestão. É visível que a escola ainda se fragmenta, e a realidade nem sempre é condizente com o que se aprende, mas é visível também que através da troca por meio de um diálogo e de uma postura mais colaborativa o caminho se torna mais prazeroso e a aprendizagem se conclui, trazendo uma contribuição para uma prática educativa mais crítica.

Referências

ARBOS, K. L.; FILHO, C. F. M. S. “Constitucionalismo x Democracia: O Multiculturalismo e as Comunidades Tradicionais” *Prismas: Dir., Pol. Publ. e Mundial.*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2010

BENEVIDES, M. V. “Educação para a democracia”. In: *Revista Lua Nova*. São Paulo, n. 38, p. 223-235, 1996.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lex: Leis de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (LDB)*, Brasília, 1996.

CAMARGO, R. P. A. & NETO, J. B. M. “A Proteção Internacional Dos Direitos Humanos Face Ao Relativismo Cultural” In: Anais do X Encontro de Iniciação à Docência. 2007. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documentos/anais/3.direitoshumanos/3ccjd dpumt01.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2011

CERTEAU, M. “A Cultura no Plural”. 4 ed. Papirus: São Paulo, 2005.

CHIZZOTI, A. “Pesquisa em ciências humanas e sociais”. São Paulo: Cortez, 1991.

CUCHE, Denys. “A noção de cultura nas ciências sociais”; tradução de Viviane Ribeiro. 2.

Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

EDITAL MEC/CAPES/FNDE. “Seleção pública de propostas de projetos de iniciação à docência voltados ao Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID”, 2007. Disponível em: <www.proex.ufscar.br/site/arqs_menu_editais/Edital_PIBID.pdf> Acesso em: 10 jun. 2011.

FRIGERIO, N. A.; PAIM, E. R. “Desafio de Trabalhar a Diversidade Cultural na Escola”. In: Revista Universo Acadêmico, n.5, 2004. Disponível em: <<http://www.univen.edu.br/revista/n005/O%20DESAFIO%20DE%20TRABALHAR%20A%20DIVERSIDADE%20CULTURAL%20NA%20ESCOLA.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2011.

FORQUIN, J. C. “O currículo entre o relativismo e o universalismo” In: Educação & Sociedade, ano XXI, no 73, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4205.pdf>> Acesso em: 5 jul. 2011.

KRAWCZYK, N. R.; VIEIRA, V. L. “Homogeneidade e Heterogeneidade nos Sistemas Educacionais: Argentina, Brasil, Chile E México” In: Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 673-704, 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0936129.pdf> Acesso em: 27 jun. 2011. Similares

LARAIA, R. B. “Cultura – Um Conceito Antropológico” 16 ed. Zahar: São Paulo, 2008.

MOREIRA, A. F. B. “Currículo, Diferença Cultural e Diálogo” In: Educação & Sociedade, ano XXIII, n. 79, 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10847.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2011.

NOGUEIRA, J. K.; FELIPE, D. A.; TERUYA, T. K. “Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar”, 2008. Disponível em: <www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2011.

ONU. “Declaração Universal dos Direitos Humanos”. Assembléia das Nações Unidas, 1948.

PEREIRA, L.E.D. “As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente”. In: Educação & Sociedade. vol.20 n.68 Campinas Dec. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000300006&script=sci_arttext&tlng=in> Acesso em: 10 jun. 2009.

UFSCAR. Centro Federal de Educação Tecnológica Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID: Detalhamento do Projeto Institucional. UFSCar. São Carlos, 2008. 11p.